

O LAZER COMO FENÔMENO CULTURAL E SUAS RELAÇÕES COM ALGUNS MARCADORES SOCIAIS

LEISURE AS A CULTURAL PHENOMENON AND THEIRS RELATIONSHIP WITH SOME SOCIAL MARKERS

EL OCIO COMO FENÓMENO CULTURAL Y SUS RELACIONES CON ALGUNOS MARCADORES SOCIALES

Cinthia Lopes da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-7979-0337> 

<http://lattes.cnpq.br/5208944598940957> 

Universidade Metodista de Piracicaba (Piracicaba, SP – Brasil)

cinthia.silva@unimep.br

Ana Carolina Capellini Rigoni

<https://orcid.org/0000-0002-9757-6860> 

<http://lattes.cnpq.br/1157460929915481> 

Universidade Federal de Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

anacarolinarigoni@yahoo.com.br

Luciene Ferreira da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-2646-0235> 

<http://lattes.cnpq.br/7851826609603221> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

silvalucienef@gmail.com

Resumo

A alternativa do lazer doméstico e em outros espaços disponíveis no contexto da pandemia do coronavírus têm contribuído para um cenário em que talvez o isolamento social esteja sendo um pouco menos penoso e sofrido, em decorrência das possibilidades do lazer vivenciado como uma das possibilidades de produção cultural humana. Isso nos leva a refletir sobre o lazer como um fenômeno cultural de extrema importância na atualidade, sendo determinado por alguns marcadores sociais, tais como: escolaridade, gênero, religião, deficiência e saúde, podendo ser realizado em casa, ao ar livre e em espaços específicos. Portanto, temos como objetivo analisar o lazer como fenômeno cultural, tendo como base textos estudados, discutidos e produzidos por um grupo de pesquisa brasileiro.

Palavras-chave: Atividades de Lazer; Covid-19; Esportes; Cultura; Sociedade.

Abstract

The alternative to leisure at home and other spaces available in the context of Covid-19 has contributed to a scenario in which perhaps social isolation is being less painful and suffered, due to the options of leisure experienced as one of the possibilities of human cultural production. This leads us to reflect on leisure as a cultural phenomenon of extreme importance nowadays, being determined by some social markers, such as: education, gender, religion, disability and health, which can be performed at home, outdoors and in specific spaces. Therefore, we aim at analyzing leisure as a cultural phenomenon, based on studied texts, discussed and produced by a Brazilian research group.

Keywords: Leisure Activities; Covid-19; Sports; Culture; Society.

Resumen

La alternativa al ocio doméstico y otros espacios disponibles en el contexto de Covid-19 ha contribuido a un escenario en el que quizás el aislamiento social esté siendo menos doloroso y sufrido, por las posibilidades del



ocio vivido como una de las posibilidades de producción cultural humana. Esto nos lleva a reflexionar sobre el ocio como un fenómeno cultural de extrema importancia en la actualidad, siendo determinado por unos marcadores sociales, como: educación, género, religión, discapacidad y salud, que se puede realizar en el hogar, al aire libre y en espacios específicos. Por lo tanto, nuestro objetivo es analizar el ocio como fenómeno cultural, a partir de textos estudiados, discutidos y producidos por un grupo de investigación brasileño.

Palabras clave: Actividades Recreativas; Covid-19; Deportes; Cultura; Sociedad.

INTRODUÇÃO

Este ensaio, que é parte da Seção Temática da Revista *Corpoconsciência* (2021) "Lazer em estudos e pesquisas", foi elaborado com base em textos estudados, discutidos e produzidos pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC), locado na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e tem como objetivo analisar o lazer como fenômeno cultural e suas relações com alguns marcadores sociais como escolaridade, gênero, religião, deficiência e saúde. A intenção foi refletir sobre como estes marcadores são significativos nos estudos do lazer, pois afetam e influenciam diretamente as possibilidades de vivência das práticas corporais, dentre elas dos diferentes esportes. Ele foi inspirado nas leituras recentes e produções do GELC/UNIMEP e é um convite para que pesquisadores das várias localidades do Brasil se debruçem nos estudos e pesquisas sobre o lazer, dada sua importância do ponto de vista pessoal, social e cultural.

Inicialmente gostaríamos de situá-los com relação ao que compreendemos como lazer e quais são os nossos referenciais teóricos. As principais influências dos estudos realizados pelos pesquisadores do GELC/UNIMEP advêm da Sociologia e da Antropologia e são representadas, principalmente, pelas produções de Dumazedier (1980), Marcellino (2013), Geertz (1989) e Mauss (2003). Esses autores nos ajudam a pensar o lazer como um fenômeno tipicamente cultural e mediado por marcadores sociais. Isso porque para Marcellino (2013, p. 29, grifos do autor) o lazer é:

[...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no "tempo disponível". O importante como traço definidor, é o caráter "desinteressado" dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A "disponibilidade de tempo" significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Ou seja, é praticamente indiscutível que o lazer é mediado pela cultura e que dois elementos são determinantes para defini-lo: o tempo e a atitude. Assim, o tempo destinado às atividades do contexto do lazer é aquele diferente das obrigações realizadas pelos sujeitos, dentre elas o trabalho, as obrigações familiares, sociais e religiosas. Mas o lazer depende também da atitude dos sujeitos, de um processo educativo que torne possível a



“satisfação provocada pela situação”, como se refere Marcellino (2013). Como vivemos em um contexto capitalista e racionalista, nem sempre as pessoas fazem algo por mera satisfação. Muitas vezes elas atrelam suas práticas de lazer a formas de ampliação de renda, a objetivos estéticos, a busca pela saúde (num sentido limitado do conceito), as atividades religiosas, entre outras coisas. O contexto capitalista reproduz uma lógica segundo a qual as pessoas não devem “perder tempo”, buscando sempre uma utilidade para suas vidas. Por isso defendemos a necessidade de um processo educativo que vá na contramão dessa lógica capitalista e que viabilize um aprendizado às pessoas para que estas reconheçam que às vezes é necessário “perder tempo”, serem menos produtivas, para viverem uma vida mais satisfatória, menos individualista e mais coletiva, menos competitiva e mais cooperativa.

Para isso, acreditamos, tal qual Geertz (1989), que é necessário compreender a cultura como uma teia de significados, sendo que nós, pesquisadores, devemos interpretá-la. Ainda que o conceito de Geertz (1989) venha sendo considerado datado, por conta da chamada “virada ontológica” da Antropologia, é justamente o fato de podermos pensar a cultura como “sistema simbólico”, que ela continua sendo interessante para os estudos do lazer. Nesta chave de leitura, compreendemos os sujeitos como seres culturalmente constituídos em teias de significados nas quais idade, gênero, raça, classe, religião etc., não podem ser considerados marcadores independentes, mas sistemas simbólicos articulados que são produtos e, ao mesmo tempo, produzem sistemas de classificação, identidades individuais e coletivas, inclusão e exclusão social.

Tais sistemas de classificação influenciam diretamente no acesso e na prática do lazer pelos sujeitos. É também, a partir desses diferentes fatores, mediados por processos educativos, que ao longo da vida, as pessoas são capazes de ressignificar sua compreensão do lazer e aprender a usufruí-lo no sentido que menciona Marcellino (2013).

A pandemia do coronavírus tem mostrado, mais do que nunca, a importância do lazer como forma de sobrevivência durante o isolamento social. Tendo que se adaptar a uma nova forma de vida, mais caseira e privada, muitas pessoas atribuíram um papel mais significativo às práticas corporais, às atividades artísticas, intelectuais e culturais, de maneira geral. Estas atividades são fundamentais para garantir uma vida digna e satisfatória. O contexto pandêmico apenas acentuou o que os pesquisadores da área do lazer já têm evidenciado há décadas, em estado de não ocorrência da pandemia. Se hoje a pandemia altera os modos de vivenciar as práticas de lazer, há muito tempo aspectos relacionados a



gênero, classe social, religião, etc., vêm produzindo diferenças no acesso ao lazer e em seus modos de experiência.

Tendo este cenário como ponto de partida, a seguir, desenvolveremos algumas reflexões acerca dos fatores que influenciam e se relacionam ao lazer, ao ser pensado como fenômeno cultural. Abordaremos alguns marcadores sociais, dentre os quais destacamos: educação, gênero, religião, deficiência e saúde. Procuramos, ao fazer essa discussão, apresentar as práticas corporais ou a cultura corporal de movimento como manifestação do lazer e elemento comum em todos esses marcadores sociais.

LAZER E EDUCAÇÃO

No que diz respeito a relação entre lazer e educação, Marcellino (2013), nos fala de dois processos: a educação para o lazer e a educação pelo lazer. A educação para o lazer pode ser vivenciada no ambiente escolar no horário de aulas e no tempo disponível dos alunos em diferentes espaços públicos (praças, quadras, parques, etc), privados (academias de ginástica, hotéis e resorts, escolinhas de esportes, de danças, de artes etc.) e corporativos (clubes e sistema "S" como SESI e SESC). A educação pelo lazer é a própria prática ou assistência vivenciadas exclusivamente no tempo disponível dos sujeitos a partir de atividades do contexto do lazer, assim, todos os espaços mencionados anteriormente se aplicam também para esse segundo processo educativo.

Na escola, especificamente, é possível trabalhar com os dois processos educativos. No primeiro caso, a educação para o lazer pode acontecer no horário das aulas de Educação Física, Geografia, História, Artes, Ciências, Matemática, entre outras, tendo como finalidade viabilizar aos alunos o acesso a diferentes conhecimentos para que possam aplicá-los no tempo que terão disponível das obrigações ao longo da vida. No contraturno, que são os horários que a escola pode manter algumas atividades sem serem regulares do currículo escolar, é possível o desenvolvimento dos dois processos educativos – a educação para o lazer e pelo lazer, já que nessa situação os alunos podem optar por participar das atividades sem ser de forma obrigatória. É fundamental que tanto em um processo como em outro, considerando os diferentes espaços que as pessoas podem aprender algo, que elas passem por uma experiência gratificante e marcante, de modo que seja um aprendizado significativo para que elas possam ter acesso e produzir novos conhecimentos positivos para sua vida.



Recentemente diversas pesquisas baseadas em experiências pedagógicas com o intuito de uma educação para o lazer no âmbito escolar, dentre as quais, as produções de Lopes da Silva e Ferrés Prats (2020) e de uma pesquisa que envolveu boa parte do GELC (LOPES DA SILVA et al., 2020). Em Lopes da Silva e Ferrés Prats (2020) procurou-se trabalhar a cultura corporal da Educação Física escolar em interface com o tema das histórias em quadrinhos, sendo que o contexto dos super-heróis integrado nas aulas de Educação Física escolar contribuiu para diversas vivências que levaram os alunos a refletirem sobre o corpo dos super-heróis e suas habilidades, de modo comparativo com as suas, de crianças, alunos de uma escola pública. A intenção nesse trabalho foi gerar um “estranhamento” nos alunos para que pudessem ter uma visão mais nítida das produções da mídia e da arte como as histórias em quadrinhos dos super-heróis e não simplesmente desejarem possuir um corpo baseado nas aparências dos super-heróis. Assim, esse processo pedagógico foi uma tentativa de gerar leitores críticos e não passivos, de modo que, optando pela leitura das histórias em quadrinhos ou por assistir filmes de super-heróis no tempo disponível, pudessem refletir sobre esses conteúdos, tendo uma visão mais realista sobre eles.

Em Lopes da Silva e colaboradores (2020), a experiência pedagógica se deu também com o trabalho voltado aos conteúdos das aulas de Educação Física, a cultura corporal de movimento, integrados às histórias em quadrinhos, mas o foco do estudo foi a produção cultural, os alunos produzirem as histórias a partir dos conteúdos vivenciados corporalmente na escola, nas aulas de Educação Física. Na dinâmica construída das aulas, os alunos tinham uma aula vivencial na quadra e a aula seguinte na sala de aula para a construção das histórias em quadrinhos com o tema da aula anterior. Nessa experiência, os alunos puderam expressar por meio de desenhos o conjunto de significados atribuídos aos jogos, danças, lutas, ginásticas, esportes, que vivenciaram nas aulas, na quadra, sendo uma forma de aprendizado e reflexão a partir da experiência com a produção das histórias em quadrinhos. Essa experiência gerou nos alunos uma visão mais complexa e positiva dos conteúdos da cultura corporal de movimento e a produção de novos conhecimentos. Esses são alguns exemplos de como é possível se trabalhar com a educação para o lazer no ambiente escolar, mais especificamente no horário regular das aulas e como tratar pedagogicamente um dos processos educativos do lazer.

LAZER E GÊNERO



A desigualdade de gênero é uma realidade sinalizada por diversos pesquisadores. Apesar das conquistas das últimas décadas, as mulheres continuam sendo desfavorecidas em diversos contextos. No campo do esporte e do lazer isso não é diferente. Pesquisas apontam que as mulheres se encontram num grupo específico, que possuem poucos incentivos para sua inclusão no mundo da prática dos esportes no Brasil. Sabemos que a maioria das meninas encerra suas experiências esportivas ao concluir o Ensino Básico, o que explica a pouca adesão de mulheres em práticas esportivas no contexto do lazer, ao longo da maturidade.

Em pesquisa recente, Pereira e Raiher (2020) apontam que mesmo com a crescente participação da mulher nos esportes, elas sobrevivem num campo de bastante desigualdade em relação à participação masculina em qualquer dimensão, seja alto rendimento, amador, educacional e no lazer. Se, historicamente a posição da mulher na sociedade foi, por bastante tempo, atrelada a vida privada, no século XXI este cenário se transforma. Pereira e Raiher (2020), a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2018), demonstram que a mulher brasileira representa 50% da força de trabalho e 40% das famílias passaram a ser chefiadas por elas, aumentando também o número de famílias monoparentais femininas. Apesar de significativas, estas transformações não se refletem na diminuição da desigualdade entre mulheres e homens. As autoras ponderam que, embora tenha ocorrido esse aumento de mulheres no campo do trabalho, elas dedicam 73% a mais de horas, aos cuidados com a família e às atividades domésticas.

Pereira e Raiher (2020) apontam “gênero” e “condição de pobreza” como fatores “determinantes da probabilidade dos brasileiros praticarem esportes. Os dados por elas levantados evidenciam que o simples fato de ser homem eleva em 150% essa probabilidade. Face a estes dados é fácil compreender por que meninas e mulheres acessam e aderem pouco às práticas esportivas e do contexto do lazer, de maneira geral. É muito comum conhecermos famílias nas quais grande parte dos meninos/homens sai para “jogar bola” com os amigos (e depois do jogo ainda estende o seu tempo de lazer num bar ou numa confraternização), enquanto as meninas/mulheres estão em casa, cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos.

Uma pesquisa realizada por Goellner e colaboradores (2010) aponta diferenças de oportunidade de lazer para homens e mulheres em programas públicos de esporte e lazer na cidade de Porto Alegre. Os autores denunciam o lazer como espaço generificado e



generificador, no qual se produzem e reproduzem representações de feminilidade e masculinidade. Para eles: “A questão de gênero sobressai, no contexto dos projetos sociais, pela força com que interfere na adesão e permanência de homens e mulheres nas atividades de lazer e pelos desafios e demandas que provoca” (GOELLNER et al., 2010, p. 3).

Estes dados refletem em inúmeros problemas, como, por exemplo, na saúde e bem-estar das mulheres. Segundo os mesmos autores, com base em estudo realizado pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul CELAFISCS), em 2002, 70% dos sedentários de todo país eram mulheres, o que nos leva a considerar a mulher como grupo de risco.

Uma das principais questões apontadas pelas pesquisas na área da Educação Física, dos esportes e do lazer, é a concepção equivocada, mas ainda muito enraizada no senso comum, de que mulheres são menos habilidosas que homens. Através de um discurso pautado na natureza biológica, coloca-se a mulher num lugar de fragilidade e fraqueza, enquanto para os homens ficam a força e a virilidade. Mesmo que a ciência já tenha desconstruído este tipo de análise, através de concepções mais culturais e históricas dos seres humanos, a sociedade ainda propaga este imaginário estereotipado.

Conscientes de que as questões de lazer e gênero estão fundamentalmente atreladas a toda uma estrutura social, acreditamos que a chave para a conquista de uma equidade de gênero encontra-se na Educação e, neste sentido, o lazer pode ser um mediador significativo em termos educativos. O lazer, pode se tornar um tempo e espaço de experiências educativas e emancipatórias, contribuindo para a superação da desigualdade de gênero. Portanto, concordamos com Goellner e colaboradores (2010), quando estes afirmam que o desafio das políticas públicas é aproximar interesses de homens e mulheres nas atividades de lazer ativo, bem como criar estratégias para a ampliação da participação das mulheres em atividades de lazer. Sabemos que para isso é fundamental a participação de professores e profissionais da área do esporte e lazer com uma formação adequada, de modo que estejam aptos a planejar e implementar políticas e projetos de esporte e lazer levando em conta o modo como o marcador gênero interfere na adesão e na permanência de homens e mulheres de formas distintas.

LAZER E RELIGIÃO



A religião e suas relações com o corpo, com as práticas corporais e com o lazer, têm aparecido nas pesquisas da área, há algum tempo. Ainda que a produção seja incipiente, os dados apresentados até então demonstram a importância de dar continuidade nas pesquisas sobre o tema, pois tem se tornado cada vez mais evidente o modo como as diversas manifestações de religiosidade influenciam nas escolhas e culturas das pessoas nos diversos aspectos da vida cotidiana.

Segundo os dados do último censo religioso (IBGE, 2012), os evangélicos foram os que mais se expandiram no país. São, também, as denominações evangélicas aquelas que mais propagam “usos e costumes” considerados mais conservadores e que produzem um tipo de cultura facilmente reconhecido. Não é por acaso, portanto, que a maior parte das pesquisas sobre o tema tem se concentrado na religião evangélica.

As restrições em relação às práticas corporais começam nas escolas, onde crianças e adolescentes de denominações conservadoras são frequentemente proibidas pelos pais e pastores de participarem das aulas de Educação Física e de outras atividades consideradas “mundanas” (RIGONI; DAOLIO, 2016).

Ao analisarem como o lazer é visto por alguns grupos evangélicos, Rigoni e Daolio (2016) constataram que uma das principais tensões no que diz respeito ao lazer é a ideia de um tempo gasto com o “prazer” e com experiências hedonísticas. Isto porque o prazer, relacionado as experiências corporais, é considerado mundano pelos evangélicos mais conservadores.

Enquanto do ponto de vista conceitual o prazer é uma dimensão intrínseca do lazer, pela lógica dos evangélicos pesquisados o prazer e o desejo devem ser reprimidos. Há uma moralização dos prazeres ligados ao corpo (carnais) de forma que os jovens são ensinados a coibí-los. Neste sentido, enquanto para as teorias do lazer o prazer nos humaniza, para os evangélicos ele representa o pecado e é justamente a sua negação que os “diviniza” (RIGONI; DAOLIO, 2016). Além disso, para estes evangélicos, as práticas corporais e esportivas colocam o corpo da mulher em visibilidade, levando o homem à tentação e ao pecado. É por isso que, para os autores, é pouco comum que os jovens, principalmente as meninas/mulheres, de denominações conservadoras experimentem e adotem as práticas corporais e esportivas em seu tempo livre¹.

¹ Aqui utilizamos o termo tempo livre como sinônimo de tempo disponível no sentido discutido por Marcellino (2013), entendemos assim como o autor que nenhum tempo é totalmente livre devido às normas sociais.



Numa pesquisa sobre o lazer de jovens evangélicos, Rigoni e colaboradores (2020), apontam para o modo como o conceito acadêmico de lazer se contrapõe ao conceito nativo (religioso). Ao contrário do que versa a teoria, os jovens pesquisados afirmam que consideram os compromissos religiosos e familiares como práticas de lazer. Além disso, outra questão importante é o modo como os evangélicos concebem o uso do tempo livre. Enquanto, do ponto de vista das teorias do lazer, o tempo livre é extremamente valorizado, do ponto de vista dos evangélicos pesquisados, o tempo livre é considerado um desperdício e pode, inclusive, ser extremamente perigoso (RIGONI et al., 2020). Por isso, os entrevistados afirmam que todo tempo disponível é destinado primeiramente às atividades religiosas, de modo que as formas de organização do tempo estão sempre em consonância com a igreja.

Outra questão importante a se considerar e que é cada vez mais comum, é o fato das igrejas e seus líderes passarem a fazer a gestão do tempo livre e das práticas de lazer de seus fiéis. É cada vez mais comum encontrarmos ofertas de ginásticas, esportes e outras práticas corporais que são realizadas nos espaços da igreja e ministradas por algum frequentador. Sem contar os eventos como os retiros e acampamentos, organizados somente para a juventude religiosa.

Esta parece ser uma mudança estratégica dos líderes religiosos que percebem que ao invés de continuarem “desaconselhando” estas práticas é mais interessante permitir que seus jovens seguidores as vivenciem sob seus cuidados. Muitas vezes, são os próprios jovens das igrejas (grupos da mocidade como costumam chamar) que se auto-organizam para passar seu tempo livre juntos, entre os “irmãos de fé”. É o caso dos jovens do Projeto Juventude Fiel (SILVA, 2019), de uma comunidade pertencente a Renovação Carismática Católica (RCC), onde praticamente todas as suas interações sociais são mediadas pela religião. A autora analisou as relações entre a corporeidade dos jovens da RCC e as práticas corporais realizadas no contexto da igreja. Para ela, atividades como a dança - tanto durante os rituais de louvor quanto aquelas realizadas no tempo de lazer, quando os jovens se reuniam em uma pizzaria e dançavam forró - e as atividades de aventura eram técnicas capazes de produzir um sentimento identitário nestes jovens. Estas práticas corporais eram eficazes tanto no sentido de ressaltar o contato com o sagrado quanto no modo como produziam identidades coletivas.



Refletindo sobre todas estas relações entre religião e lazer, percebemos o quanto uma educação para o lazer é necessária e capaz de permitir ao jovem religioso uma reflexão crítica sobre seu tempo livre e suas experiências com as práticas corporais.

LAZER E DEFICIÊNCIA

Os dados do IBGE (2010), apesar de relativamente antigos², apontam que, na época, cerca de 23% da população brasileira declarou algum tipo de deficiência. O que significa, na prática, que a sociedade precisa criar meios para que esta parcela da população tenha seus direitos constitucionais garantidos e que as pessoas com qualquer tipo de deficiência se sintam incluídas na trama social. Sabemos, no entanto, que a deficiência ainda é uma das principais barreiras enfrentadas pela população de um país com estruturas e comportamentos excludentes.

No que diz respeito ao lazer, talvez uma das principais barreiras para o seu acesso esteja relacionada à pouca ou nenhuma estrutura arquitetônica dos espaços e equipamentos para pessoas com deficiência. Ainda que as políticas de acessibilidade tenham aumentado significativamente nos últimos anos, os espaços públicos não são pensados “para todos” e as pessoas com deficiência, principalmente física, continuam sofrendo inúmeras limitações no que diz respeito ao seu acesso.

Se os espaços públicos, como parques e praças são fundamentais para garantir o direito ao lazer de todo cidadão, todo projeto de urbanização deveria ser planejado e executado para garantir a democratização e acessibilidade de todos. Ou seja, um bom espaço ou equipamento público é necessariamente inclusivo.

Segundo Pereira, Brito e Rodrigues (2019), a inadequação do espaço físico diminui a participação social pois impede o “ir e vir” das pessoas com deficiência. É importante notar que a mudança na compreensão do próprio conceito de deficiência é fundamental para a gestão de políticas públicas inclusivas. Segundo o novo conceito proposto pela cartilha da LBI (BRASIL, 2015), a deficiência não pode mais ser entendida como uma condição biológica da pessoa e sim como uma limitação resultante da interação de diversas barreiras (sociais, culturais, arquitetônicas, de raça, classes sociais etc.). Desta forma compreendemos que o problema não está no indivíduo, mas na organização e planejamento

² É preciso mencionar que o Censo Demográfico de 2020 que já seria bastante afetado pelo corte de verbas do Governo Bolsonaro, foi adiado para 2021 por conta da pandemia do coronavírus.



urbano das cidades que geralmente não consideram as necessidades das pessoas com deficiência.

Para além das barreiras arquitetônicas e urbanísticas, temos as barreiras atitudinais (MARCELLINO, 2006). Elas também aparecem na LBI (BRASIL, 2015) como atitudes e culturas que atrapalham a participação da pessoa com deficiência na sociedade. Ou seja, são barreiras que resultam das atitudes das pessoas para com aquelas com deficiência, durante os momentos de encontro ou convivência. Em um artigo recente Azzini e Rigoni (2020) também falam sobre o modo como a cultura das pessoas (principalmente via linguagem) intensifica simbolicamente a deficiência.

Diante de tantas barreiras e poucos incentivos, acreditamos que os tempos e espaços relacionados ao lazer podem ser potencialmente inclusivos desde que sua gestão e implementação seja feita com a preocupação de acolher e respeitar os seres humanos em sua totalidade e em suas diferenças. É preciso entendermos que incluir é mais do que estar junto, mas, sim, garantir a plena participação e protagonismo das pessoas com deficiência.

Entendemos, tal qual Pereira, Brito e Rodrigues (2019), que ao incluírem as atividades do contexto do lazer em seu cotidiano, as pessoas com deficiência ampliam suas experiências e oportunidades, se sentem mais seguras, recuperam a autoestima e potencializam suas relações sociais. Para isso é fundamental que as políticas públicas de esporte e lazer desempenhem seu papel e que seus gestores estejam atentos aos diversos marcadores sociais que interferem na adesão e na permanência das pessoas nas diversas práticas de lazer.

LAZER E SAÚDE

A saúde é outro marcador no qual podemos pensar no contexto das sociedades atuais e suas relações com o lazer. Essa interface pode ser muito benéfica aos sujeitos ao realizarem atividades do contexto do lazer que contribuam positivamente para sua saúde, pelo simples motivo dos sujeitos poderem fazer escolhas na vida, poderem escolher como querem usufruir de seu tempo disponível, já que segundo Carvalho (2001, p. 14):

A saúde resulta de possibilidades, que abrangem as condições de vida, de modo geral, e, em particular, ter acesso a trabalho, serviços de saúde, moradia, alimentação, lazer conquistados – por direito ou por interesse – ao longo da vida. Tem saúde quem tem condições de optar na vida.



Assim, ao relacionar lazer e saúde é preciso considerar que essa relação não é necessariamente óbvia, pois é uma construção a partir de diversos fatores: do tipo de trabalho que a pessoa possui, do desenvolvimento de políticas públicas e de políticas educacionais e a garantia dos direitos sociais à população. Isso quer dizer que podemos pensar que simplesmente a orientação dada para a pessoa realizar uma caminhada diariamente é insuficiente para que ela usufrua, de fato, essa atividade, já que para se caracterizar como uma atividade do contexto do lazer e proporcionar satisfação e prazer é necessário que a mesma escolha o que quer realizar. Uma orientação médica ao invés disso, pode gerar uma ideia de obrigatoriedade para os sujeitos, descaracterizando a caminhada como uma atividade do contexto do lazer. A regularidade de atividades relacionadas às práticas corporais como a caminhada, ao ser escolhida pelos sujeitos, poderá beneficiar os praticantes não somente no sentido biofisiológico relacionado a melhorias do funcionamento orgânico, biológico do corpo, mas benefícios psicológicos e sociais, fundamentais para a saúde humana.

Mesmo diante de um problema sanitário como a pandemia do coronavírus, se as pessoas tiverem recebido uma boa orientação no sentido da educação para o lazer, poderão usufruir do lazer doméstico ou em espaços ao ar livre para fazer atividades escolhidas. Em pesquisa exploratória realizada com 1.013 pessoas, no ano de 2020, após alguns meses depois do início da pandemia, Lopes da Silva e colaboradores (2020b) fizeram um levantamento acerca das perspectivas com relação à continuidade do isolamento social por pelo menos mais seis meses, levando-se em consideração o contexto brasileiro. As respostas foram: realizar atividades ao ar livre ou em casa (47,1%) e manter ou aumentar o uso da internet e das redes sociais (30,5%). Assim, podemos dizer que no caso da pandemia do coronavírus e da situação de isolamento social, a casa se tornou um dos principais equipamentos de lazer para a população que têm respeitado a quarentena, sendo que, em casa, a internet e os meios tecnológicos têm sido úteis nas escolhas das possíveis atividades realizadas no contexto do lazer. No entanto, há que se reconhecer que o acesso a essas tecnologias e equipamentos para bom funcionamento da internet, por exemplo, é um privilégio de poucos, já que essas instalações e produtos não são garantidos pelo poder público, sendo um gasto extra para a população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O atual contexto da pandemia do coronavírus tem modificado a organização da vida das pessoas em nível mundial, produzindo alterações que dificilmente serão revertidas. Ou seja, não podemos imaginar uma vida como antes, sem o uso acentuado da tecnologia para a comunicação, para o lazer, para a organização familiar. Para muitas pessoas, as que estão respeitando as recomendações para evitar o contágio e propagação do coronavírus, o espaço da casa passou a ser o principal equipamento de lazer e graças a isso têm se mantido vivas, saudáveis e integradas aos acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais. Portanto, a pandemia do coronavírus é um exemplo da potencialidade que as pessoas possuem de produzir uma nova dinâmica cultural para suas vidas a depender dos acontecimentos do momento vivido.

No entanto, ao refletirmos sobre estes marcadores sociais, sabemos que as desigualdades a eles relacionadas podem prejudicar ou até impedir o acesso e a vivência de experiências de lazer por parte de alguns sujeitos e grupos, uma vez que tais marcadores dizem muito a respeito dos níveis de vulnerabilidade social dos mesmos. A pandemia, de certa forma, tem cor, raça, classe, gênero, nível de escolarização etc. No entanto, se estes marcadores são significativos, acreditamos que as práticas do contexto do lazer podem ser, de alguma forma, um tipo de resistência à desigualdade. Acreditamos que, se estes marcadores são responsáveis pela desigualdade de acesso à internet e a equipamentos (tanto eletrônicos como de lazer), por exemplo, os tempos e espaços de lazer podem ser uma ótima oportunidade na promoção do encontro das diferenças e dos diferentes.

Sendo o lazer um fenômeno sociocultural, vemos a necessidade de uma educação emancipatória e crítica que possa potencializar as experiências de lazer dos diferentes sujeitos. O lazer, nesse sentido, é parte de um processo de humanização da vida e canal privilegiado de democratização do acesso à cultura. Neste sentido uma intervenção responsável, atenta a discriminação de classe e gênero, e ainda, atenta ao potencial do lazer no que diz respeito a saúde e qualidade de vida da população pode atenuar as desigualdades produzidas por estes marcadores e viabilizar relações e práticas mais humanizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZINI, Eduardo de Paula, RIGONI, Ana Carolina Capellini. O corpo cego: o verbo e a intensificação da deficiência. **Saúde & transformação Social**, v. 10, n. 1/2/3, p. 44-53, 2019.



BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Dispõe sobre o “Estatuto da Pessoa com Deficiência”. Brasília, 2015.

CARVALHO, Yara Maria de. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 22, n. 2, p. 9-21, 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre e colaboradores. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Licere**, v. 13, n. 2, p. 1-20, jun., 2010.

LOPES DA SILVA, Cinthia, FERRÉS PRATS, Joan. Comunicación educativa en clases de educación física de una escuela del estado de São Paulo, Brasil. **Actualidades pedagógicas**, n. 75, p. 15-32, 2020.

LOPES DA SILVA, Cinthia e colaboradores. Education for leisure in elementary school: the use of comic books in physical education classes. **Aprender - caderno de filosofia e psicologia da educação**, n. 24, p. 196-210, 2020a.

LOPES DA SILVA, Cinthia e colaboradores. Os dias entre o teto e o chão da casa: lazer e práticas corporais no contexto brasileiro em tempos da covid-19. **Licere**, v. 23, n. 3, p. 57-92, 2020b.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 17. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

PEREIRA, Marcela Caroline, RAIHER, Augusta Pelinski. A prática esportiva feminina no Brasil: ênfase na condição de pobreza. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 42, e52806, 2020.

PEREIRA, Loren Salles Souza, BRITO, Cristiane Miryam Drumond, RODRIGUES, Ana Amélia Cardoso. Lazer da pessoa com deficiência física em Belo Horizonte, **Licere**, v. 22, n. 4, p. 340-364, dez., 2019.

RIGONI, Ana Carolina Capellini e colaboradores. Corporal practices and leisure of young brazilian evangelicals. **International journal of latin american religions**, v. 4, p. 1-16, jun., 2020.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Educação física e religião: tensões entre a educação para o lazer e a busca do prazer. **Licere**, v. 19, n. 2, p. 364-387, jun., 2016.



SILVA, Letícia Rodrigues Teixeira e. **As práticas corporais na Renovação Carismática Católica**: orações, danças e aventura no Projeto Juventude Fiel. 2019. 146f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

Dados da primeira autora:

Email: cinthia.silva@unimep.br

Endereço: Universidade Metodista de Piracicaba, Secretaria de Pós-graduação do Programa de Ciências do Movimento Humano, Bloco 7, Rodovia do Açúcar, km 156, 7.000, Piracicaba, SP, CEP: 13423-170, Brasil.

Recebido em: 15/03/2021

Aprovado em: 29/03/2021

Como citar este artigo:

LOPES DA SILVA, Cinthia; RIGONI, Ana Carolina Capellini; SILVA, Luciene Ferreira da. O lazer como fenômeno cultural e suas relações com alguns marcadores sociais. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 1, p. 90-104, jan./ abr., 2021.